CISION

ID: 26701343

SOL

11-09-2009 | Confidencial

Tiragem: 67797
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral

Pág: 4
Cores: Cor
Área: 27,35 x 36,05 cm²
Corte: 1 de 3

António de Sousa
Presidente da Associação Portuguesa de Bancos

'Taxas de juro vão continuar baixas até meados de 2010'

Famílias e empresas podem contar com **folga nos orçamentos**. Mas aumento das taxas de juro seria bom sinal para a economia

TÂNIA FERREIRA
tania.ferreira@sol.pt

HÁ SINAIS de retoma na economia nacional, mas, para o ex-governador do Banco de Portugal, não é claro que **«já ultrapassámos a recessão»**. António de Sousa defende que aposta do Governo nas grandes obras públicas **«não é a estratégia certa para relançar a economia»** e acredita que o país não está preparado mexidas nos impostos.

Como avalia a actual situação económica e financeira nacional? Já batemos no fundo e estamos a recuperar?
Houve um período inicial, que se prolongou até Abril ou Maio e, nalguns casos, até mais, após a situação de quase pânico de Setembro e Outubro que se seguiu à falência da Lehman Brothers. As pessoas tentaram vender tanto quanto possível os *stocks*, para não terem de fazer novos investimentos financeiros, até porque havia um grande receio de que obter novos financiamentos fosse muito difícil – e era. Isto multiplicado por milhares de empresas, na maioria dos países fez com que a produção industrial desacelerasse e até parasse. Neste momento, esta diminuição de *stocks* tendencialmente terminou. Há outra vez mais encomendas, levando a uma retoma.

Esta retoma já é estável?
Há dificuldade ainda em perceber até que ponto o consumo final e os investimentos vão ou não arrancar. Se se voltar a entrar num ciclo em que há novas compras, toda a cadeia começa de novo a funcionar. Mas também é verdade que podemos estar a assistir apenas a uma reposição de *stocks*, pouco acompanhada de aumento do consumo. Ainda não é claro que já ultrapassamos a recessão.

E no investimento, vê sinais de retoma?
É onde vejo maiores dificuldades, porque as vendas ainda não estão ao nível anterior à crise e haverá muitas empresas com capacidade de produção excedentária. Nesta incerteza não será a altura mais adequada para novos investimentos.

As empresas continuam aflitas?
A concessão de crédito aumentou, às famílias e às empresas. Não me parece que o crédito seja o principal problema para as empresas neste momento, a não ser para as que estão demasiado endividadas e têm problemas de tesouraria. A verdade é que os juros desceram muito. Apesar de os *spreads* terem subido, o que as empresas pagam hoje é razoavelmente inferior ao que pagavam há um ano.

> **'Provavelmente, para o ano, vamos manter níveis de desemprego semelhantes aos deste ano'**

> **'O normal é que as taxas de juro médias fiquem à volta dos 2% ou 3%'**

E o que é que famílias e empresas devem fazer à folga obtida?
Depende da situação de partida. Muitas estavam a começar a ficar sobreendividadas e, portanto, devem usar a margem para reduzir os empréstimos. Além disso, as poupanças estavam a níveis historicamente baixos. É natural que subam. Por outro lado, com a estabilização da economia é normal que assistamos a algum aumento do consumo.

É expectável que as taxas de juro se mantenham baixas?
As taxas baixas deverão manter-se. Mas, se é verdade que tal situação está a beneficiar sobretudo as famílias, também é um indicador que a economia não está a recuperar. Quando começar, é normal que se dê um aumento da inflação.

Quanto às taxas de juro, o que espera?
O BCE tem como objectivo que fiquem à volta dos 2%. Tudo indica que a inflação ainda demore a chegar a esse nível. Portanto, a probabilidade de as taxas aumentarem este ano, ou mesmo na primeira metade do próximo, é relativamente baixa. No conjunto de 2010, considero que seria um bom sinal se as taxas começassem a subir.

Até quanto?
O normal é que as taxas médias fiquem à volta dos 2% ou 3%. E não acredito que as Euribor, por exemplo, cheguem aos níveis de 2008, de 5%. Acredito que 2010 ainda vai ser um ano de taxas baixas.

Nas empresas, vai continuar a haver insolvências e *lay-off*?
Claramente, nesta área está a melhorar-se. Mas é natural que continue a haver mais insolvências, porque havia empresas muito descapitalizadas.

E a taxa de desemprego?
Numa primeira fase da retoma económica não há grande criação de emprego. As empresas vão elevar a capacidade produtiva que estava instalada, mas não estava a ser utilizada. Provavelmente, para o ano vamos manter níveis de desemprego semelhantes aos deste. A aparente boa notícia é não haver um grande aumento do desemprego e continuarmos um pouco abaixo da média da Zona Euro.

Concorda com a estratégia de grandes projectos do Governo?
Se o objectivo é combater a crise, seria muito mais produtivo fazer muitos pequenos investimentos, do que poucos grandes. Os projectos mais pequenos têm um impacto muito mais imediato. A construção ou recuperação de estradas, escolas, hospitais, etc., podem arrancar rapidamente. E empregam mais pessoas. No caso das grandes obras, temos de reflectir se, com o que aconteceu nos últimos dois anos, estamos na mesma situação dos estudos que foram feitos. Por exemplo, se as projecções de tráfego aéreo ainda são as mesmas.

Neste momento, faria sentido baixar ou aumentar os impostos?
A resposta *standard* para reagir a uma crise é baixar os impostos. O problema é se há dinheiro para isso. A diminuição de impostos seria importante, nomeadamente para a criação de emprego, mas duvido que haja condições. Mas também não creio que seja a altura para os aumentar. Com o actual nível de impostos, dificilmente a medida iria contribuir para sair da crise. Provavelmente, agravá-la-ia.

Perfil

Chegou à liderança da APB há poucos meses. Foi o governador do Banco de Portugal que estabilizou o escudo e preparou a entrada de Portugal no euro (1994 a 2000) e, entre outras decisões, atribuiu a polémica licença de banco ao BPP. Licenciado pela Católica, doutorou-se em Gestão na Wharton School da Universidade da Pensilvânia (EUA). Aos 54 anos, é hoje também accionista fundador da ECS Capital – sociedade que gere fundos de *private equity*. O seu primeiro cargo público foi na administração do extinto IPE , de onde saiu para o segundo governo de Cavaco Silva como secretário de Estado da Indústria. Seguiu para a administração do Banco Totta & Açores e daí para a presidência da CGD, marcada por divergências com o *CEO*, Mira Amaral.

António de Sousa não poupa elogios à

CISION

ID: 26701343

SOL

11-09-2009 | Confidencial

Tiragem: 67797
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral

Pág: 5
Cores: Cor
Área: 27,69 x 36,90 cm²
Corte: 2 de 3

apacidade revelada pelo sistema bancário nacional perante a crise internacional | HELENA GARCIA

BPP nunca deveria ter sido um banco

NÃO HÁ margem para dúvidas. **«O sistema financeiro português reagiu muito bem à crise internacional»**, defende o presidente da APB – Associação Portuguesa de Bancos, realçando que o sistema **«é muito sólido tanto em capitais, como no funcionamento»**. A solidez dos bancos portugueses **«foi demonstrada pela capacidade que tiveram de ir ao mercado internacional financiar-se e por terem usado apenas uma pequena parte do pacote financeiro que o Estado disponibilizou»**, considera o banqueiro.

António de Sousa diz ainda que **«a maioria dos portugueses não saberá, mas o nosso sistema financeiro é até apontado como um dos mais eficientes a nível europeu»**. E salienta que **«muitas vezes não temos ideia do que é possível fazer em Portugal, em termos bancários, e que não é noutros países»**. Realça o facto de, nas máquinas do Multibanco, poderem ser feitas muito mais operações em Portugal do que na Alemanha ou França, por exemplo.

Casos como o BPN ou BPP não podem afectar a imagem de solidez do sistema português, afirma. **«Estamos a falar de casos que nada têm a ver com a solvência dos bancos ou os seus capitais. São operações que estão a ser analisadas – e não vou comentar se há ou não ilegalidades –, mas claramente não têm a ver com práticas habituais de bancos»**.

E não hesita em repetir que, no Banco de Portugal, onde era o governador quando foi emitida a licença de banco ao BPP, **«pensávamos que não devia ser um banco, mas sim uma sociedade gestora de património»**. Ao atribuir a licença, diz que se limitou a cumprir a lei. **«É taxativa e diz que, desde que se cumpram os requisitos em termos de capitais e organização, a emissão da licença é obrigatória»**.

Tal como previa, **«o BPP acabou por quebrar numa situação de crise financeira. Um banco deste tipo, que faz a gestão de fortunas, é muito mais frágil do que um comercial normal»**.

O fim do BPP, **«que é esperado mais tarde ou mais cedo, não vai ter impacto no sistema»**, prevê. E o fundo criado para tentar resolver o problema do retorno absoluto, cuja gestão foi entregue ao Banif, **«pode estar em risco se houver falta de adesão dos clientes»**.

'Fundo para retorno absoluto do BPP pode falhar por falta de adesão dos clientes'

«Não há excesso de agências bancárias em Portugal»

SE É verdade que há bancos a operar no mercado nacional com agências a mais – e que vão ter de reduzir a dimensão da sua rede de retalho –, há outros que ainda não têm suficientes pontos de atendimento e terão de investir na expansão.

«Em Portugal não há excesso de agências bancárias, em termos globais, e não creio que este número vá variar muito no futuro próximo, entre aberturas de uns e encerramentos de outros», considera António de Sousa.

Questionado sobre se a rede nacional tem a dimensão adequada, o banqueiro diz que **«tudo depende do tipo de banca que se faz em cada país»**.

Referindo os exemplos de Espanha – com um balcão quase em cada esquina – e de Inglaterra – onde quase não há pontos de atendimento –, António de Sousa realça as as diferenças, dizendo que **«Portugal caminhou para um modelo mais parecido com o espanhol, de pequenas agências, mas em maior número»**.

Por outro lado, António de Sousa acredita que **«há espaço para alguma concentração entre bancos no sistema financeiro nacional. Se vai acontecer ou não, não sei»**.

O responsável da APB argumenta ainda que **«o nosso grau de concentração bancária é menor face a países da nossa dimensão, como a Holanda, Bélgica, Áustria e Dinamarca, que até têm um nível de desenvolvimento económico bastante mais elevado»**.

O banqueiro lembra que lá fora, **«a nível geral, está tudo bastante calmo a nível destas operações. A maior preocupação agora é a recapitalização dos bancos»**.

CISION

ID: 26701343

SOL

11-09-2009 | Confidencial

Tiragem: 67797
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Informação Geral

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 20,22 x 22,41 cm²
Corte: 3 de 3

ANTÓNIO DE SOUSA Presidente da Associação Portuguesa de Bancos

'Taxas de juro vão ficar baixas até meados de 2010'

» **ECONOMIA** António de Sousa vê sinais de retoma, mas avisa que «não é claro» que recessão tenha acabado

» **BANCA** Responsável elogia solidez do sistema financeiro e garante que BPN e BPP foram excepções à regra

» **RETALHO** Presidente da Associação Portuguesa de Bancos considera que não há excesso de balcões no país ➲ PÁGS. 4 E 5